

A (IN)DEFINITUDE E A GENERICIDADE: O PORTUGUÊS BRASILEIRO NA PERSPECTIVA DAS LÍNGUAS SUB-REPRESENTADAS

INDEFINITENESS AND GENERICITY: BRAZILIAN PORTUGUESE FROM THE PERSPECTIVE OF UNDER-REPRESENTED LANGUAGES

Roberta Pires de Oliveira*

RESUMO: O artigo apresenta os resultados de Dayal (no prelo) para o Brasileiro, uma das oito línguas do projeto “A (in)definitude e a genericidade da perspectiva das línguas sub-representadas” (Pires de Oliveira 2022). Os dados são primários e originais. A metodologia é qualitativa. O artigo analisa o sintagma indefinido, o singular e o plural nus. Os resultados mostram que eles não têm a mesma distribuição e nem a mesma interpretação, embora não sejam definidos. Há assim tipos de indefinitude: o singular nu denota a espécie, o plural nu é soma e o indefinido é quantificação. Comparada as demais línguas, o Brasileiro não é a única língua com artigos que aceita singular e plural nus; o Português e o Terena também. O Espanhol Rioplatense não aceita nominais nus. As línguas nuas mostram que a (in)definitude não é um universal morfológico do sintagma nominal e a distinção singular e plural talvez não seja de pluralidade apenas. Coloca, assim, questões sobre a forma.

PALAVRAS-CHAVES: Português Brasileiro, línguas sub-representadas, variação linguística.

ABSTRACT: This article presents the results of Dayal’s questionnaire (forthcoming) for Brazilian (Br), one of the eight languages involved in the project “(In)definiteness and genericity from the perspective of underrepresented languages” (Pires de Oliveira 2022). The data are primary and original. The article investigates the behavior of the indefinite, the bare singular, and the bare plural. The results show that they do not have the same distribution nor the same interpretation. There are types of indefiniteness: the bare singular denotes species, the bare plural is sum, and the indefinite is quantification. Br is not the only Romance language to accept the bare

* Professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina. Email: ropiolive@gmail.com

singular; *Portuñol* does. *Rioplatense Spanish* does not have bare nominals. From this perspective, English is an exotic language because it only accepts the bare plural. Bare languages show that (in)definiteness is not a morphological universal and raises questions about the logical form of the noun phrase.

KEYWORDS: Brazilian Portuguese, under-represented languages, language variation

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA¹

este artigo é um relato de resultados de um projeto de pesquisa acompanhado por uma reflexão sobre o tema deste número especial, organizado por Diogo Simão, intitulado “A (in)definitude nas línguas humanas”. Ela se faz a partir de resultados do projeto do CNPq “A (in)definitude e a genericidade da perspectiva das línguas sub-representadas” (Pires de Oliveira 2022a), em que Simão atuou como bolsista pós-doutorado júnior.² O projeto investiga oito línguas de famílias distintas: o Português Brasileiro (Br), o Espanhol RioPlatense (ERP) e o *Portuñol* são línguas românicas; o *Kaiowá* é Tupi-Guarani; o *Rikbaktsa* e o *Mebengokre* são Macro-Jê; e o *Wapishana* e o *Terena* são Aruak. Dessas, só o Br e o ERP são relativamente representados na literatura; as demais línguas são sub-representadas. A investigação se baseia em dados primários e originais coletados tendo como fio condutor o questionário de Dayal (no prelo)³ e como metodologia a coleta qualitativa. Busca compreender a variação através das línguas a partir dos parâmetros semânticos de Chierchia (1998), o parâmetro do nome, e Chierchia (2021), o parâmetro do numeral.

Essa reflexão parte de uma análise detalhada do instrumento de coleta utilizado no projeto o questionário de Dayal (no prelo). O questionário congrega os principais testes sobre a definitude e a genericidade de um sintagma nominal na literatura em semântica contemporânea, feitos com base principalmente no inglês e nas línguas românicas européias, que são línguas com artigo. O inglês só aceita o plural nu e as línguas românicas européias não aceitam nominais nus (como regra geral). Em seguida, apresentamos os resultados obtidos a partir de coleta com um falante do Br, uma língua que tem sido considerada a única língua românica com singular e plural nus e que desafia os modelos formais como Chierchia (1998, 2021). Apresentamos a aplicação do questionário para três sintagmas do Br: o singular nu, o indefinido e o plural nu. Eles diferem entre si tanto na distribuição quanto na interpretação. Argumentamos que eles expressam tipos de indefinitude. O singular nu denota a espécie singular, o plural nu é uma soma e o indefinido um sintagma quantificado (Pires de Oliveira, 2024). Finalmente, compara essa língua com as outras do projeto, mostrando que o Br não

¹ Agradeço aos revisores do artigo e ao CNPq pelo apoio financeiro através de bolsa PQ304935/2021-2.

² Projeto número 420314/2022-9. As informações sobre o projeto estão em <https://indefinidos.paginas.ufsc.br/>

³ O projeto foi submetido e aprovado pelo comitê de ética. Processo número 69555923.4.000.0121.

é a única língua que tem artigos, singular e plural nus. Esse é o caso do Portuñol e talvez do Terena. Essas línguas aceitam nominais nus, enquanto o ERP não aceita. Da perspectiva das línguas subrepresentadas,⁴ o sintagma nominal é nu, não têm artigos, falseando a hipótese de que a definitude e a genericidade sejam morfologicamente veiculadas pelo sintagma nominal, como já havia afirmado a literatura sobre o Karitiana (Müller; Bertucci, 2012). Ainda nessa perspectiva, a oposição singular *versus* plural nu não parece ser de pluralidade semântica, mas envolver outros traços como por exemplo gênero no caso do Rikbaktsa. Elas colocam em questão a forma lógica do sintagma nominal. Haveria efetivamente projeção de determinante? Seria ele ambíguo? Finalmente, dessa perspectiva, o questionário de Dayal deixa a desejar porque permite entender que nessas línguas a (in)definitude e a genericidade não são dadas morfologicamente no sintagma nominal, mas não permite entendermos como ela ocorre. Essas questões encerram este artigo.

O QUESTIONÁRIO DE DAYAL

O projeto do CNPq adotou o questionário de Dayal (no prelo) como fio condutor das coletas de dados nas oito línguas. A metodologia de coleta é qualitativa e consistem em solicitar ao participante dados sobre a relação entre sentenças e situações no mundo. O dado semântico é a aceitação ou não de uma sentença em uma dada situação. Usar o mesmo questionário permite comparar através das línguas: cada equipe ficou responsável por uma língua e utilizou diferentes metodologias para coleta de dados, desde tradução, explicação do contexto, quadrinhos, fotos, desenhos, construindo coletas controladas pelo contexto.⁵ Nessa seção, descrevemos, analisamos e aplicamos parcialmente o questionário ao inglês, tendo em vista os julgamentos que aparecem no questionário e o que a literatura sobre essa língua diz. O questionário percorre os principais testes na literatura, construídos principalmente em torno do inglês e das línguas românicas, que são línguas com artigos, para detectar se um determinado sintagma nominal é definido, indefinido ou genérico. Considere por exemplo o Br e os sintagmas nominais, isto é, o constituinte sintático cujo núcleo é um nome, em (1):

- (1)
- a. A onça está esturrando.
 - b. Uma onça está esturrando.
 - c. Onça está esturrando.
 - d. Onças estão esturrando.

⁴O movimento que deve muito a Lisa Mathewson e ao SULA (ver Borges Neto *et al.*, 2012), cuja última edição aconteceu em Florianópolis, em outubro de 2024, como parte das atividades do projeto em questão.

⁵Guerra-Vicente *et al.* (no prelo). Veja o número do CEL (a ser publicado) organizado por Trebisacce & Polakoff.

Em (1a), temos o definido, em (1b), o indefinido, em (1c) o singular nu e em (1d) o plural nu. Neste artigo, investigamos a distribuição e interpretação de (1b-d). No entanto, o objetivo maior do questionário é entender a definitude e a genericidade nas línguas nuas, que são aquelas sem artigos, isto é, o sintagma nominal é composto apenas pelo nome, que pode ou não estar acompanhado por morfologia chamada de plural. Por exemplo: a língua Rikbaktsa (Macro-Jê) não tem artigos e tem morfologia de plural+gênero ‘-tsa’. A questão é: os sintagmas em (2) são definidos, indefinidos ou nenhum dos dois?⁶

- (2) a. parini pukaka
 onça esturra
 b. parinitsa pukakatsa
 onças esturram

O questionário revê os contextos e as noções que estão na semântica contemporânea sobre a definitude e genericidade de uma dada expressão. Como veremos, muitas delas envolvem julgamentos sutis. O questionário tem quatro seções, cada uma com vários sub-tópicos. São 53 contextos e cada contexto compara pelo menos duas sentenças. A primeira seção (i), “Setting the baseline”, pretende determinar se a língua tem ou não artigos e se o nome é ou não semanticamente plural. Busca verificar se o demonstrativo, ‘esse/este’, ou o numeral ‘um’ estão em processo de gramaticalização e exercendo a função do artigo definido ou indefinido, respectivamente.

Metodologicamente, o falante avalia se uma dada sentença é ou não feliz em um dado contexto. Por exemplo, no primeiro contexto do questionário, há um balde cheio de rosas, todas iguais, e o falante profere a sentença em (3b) ou (3c), apontando para uma das rosas, isto é, trata-se de contexto de dêixis. No questionário, o itálico, como em (3a), indica que essa é a metalinguagem; o X está no lugar do determinante, o demonstrativo ou o artigo definido no inglês. O mesmo contexto é utilizado para testar duas sentenças, uma com o demonstrativo (3b) e outra com o artigo (3c). Essa testagem não pode ser realizada uma após a outra, na mesma seção de coleta, porque os dados ficam enviesados. É preciso, pelo menos, duas seções espaçadas temporalmente. Nesse contexto, em inglês, proferir (3b) é melhor do que proferir (3c), como mostra a intuição da autora marcada com #:

- (3) a. *I’ll take [X rose]*
 b. I’ll take [that rose]
 c. # I’ll take [the rose]

⁶ Neste artigo ilustramos com a língua Rikbaktsa (Macro-Jê) porque fizemos parte dessa equipe.

A sentença em (3c) é gramatical e não é feliz nesse contexto. Nas línguas sem artigo, a comparação é entre o sintagma com o demonstrativo e o sintagma nu.

A seção preliminar também avalia se um dado sintagma é semanticamente plural, na descrição de Dayal. Em (4a), temos a descrição com um XP que é um X é o determinante ou sua ausência e P pode ser tanto o predicado nominal quanto a representação sintática para sintagma. Seja como for, em (4b), temos o sintagma definido, que é agramatical, como indica o * no original, e em (4c), o famoso plural nu ‘dogs’:

- (4) a. [XP] licks each other.
 b. * [The dog] licks each other.
 c. [Dogs] lick each other.

O teste com recíprocos indica que o sintagma é plural. O sintagma definido ‘the dog’ é agramatical, porque o recíproco exige mais de um indivíduo. O plural nu ‘dogs’ é gramatical. Logo, é semanticamente plural.

A segunda seção, “Bare Nominals as kind terms”, avalia se o sintagma é um termo de espécie; novamente através de vários testes e a questão remete a uma vasta literatura sobre o tema que remonta a Carlson (1977), cuja pesquisa subsidia grande parte do questionário⁷. Exemplificamos abaixo o teste com predicados de espécie, i.e. aqueles predicados que não se aplicam a indivíduos ordinários, como mostra a agramaticalidade de *João está extinto. Em inglês, tanto o plural nu, ‘dinosaurs’, em (5b), quanto o sintagma definido em (5c) ‘the dinosaur’ denotam a espécie:

- (5) a. [XP] is/are extinct
 b. Dinosaurs are extinct.
 c. The dinosaur is extinct⁸.

Se o sintagma se combina com esse tipo de predicado, ele denota a espécie, um indivíduo que se caracteriza por estar em vários lugares ao mesmo momento no tempo. Em (5b-c), estamos falando sobre a espécie e não sobre os espécimes, os dinossauros ordinários.

A terceira seção, “Bare nominals as definites”, avalia se o sintagma nu é definido. Investiga contextos de unicidade, de maximalidade, de dêixis, como o contexto das rosas em (3) acima, e os testes de anaforicidade, como exemplificado abaixo que estão na base da reflexão de Heim (1982) sobre a semântica dos artigos definido e indefinido em inglês:

⁷ Ver Pires de Oliveira (2011) para uma história do conceito de espécie na semântica contemporânea.

⁸ O definido genérico recebeu pouca atenção, mas veja Dayal (2004) para uma proposta para o inglês.

(6) *A boy and a girl walked into the room. [Girl] was wearing a red shirt, [Boy] was wearing a white shirt.*

Se o sintagma nominal couber no lugar de [girl] e [boy], então esse sintagma é definido. Nesse contexto, a única possibilidade no inglês é o sintagma definido, ‘the girl’ e ‘the boy’. No teste com o plural, a autora só avalia a possibilidade do definido plural em inglês, ‘the boys’, mas talvez o plural nu seja possível, como sugerimos na próxima seção.

A quarta seção, “Bare nominals as indefinites”, revisa os principais testes para determinar se o sintagma nu é um indefinido. Nessa seção, aparece uma diferença, que não é tematizada pela autora, entre tipos de indefinidos, já que em vários contextos o artigo indefinido não se comporta da mesma maneira que o plural nu. No teste do contexto, o artigo indefinido introduz indivíduos na conversa, como é o caso em (7):

(7) *Many years ago, [an old woman] used to live in this house.*

Nesse caso, ‘an old woman’ introduz uma velha e afirma que ela morava na casa em questão.

Os contextos em que há, na terminologia da autora, possibilidade de relações de escopo remontam à pesquisa de Carlson (1977) sobre a semântica do plural nu em inglês, em comparação com o sintagma indefinido. Como mostra Dayal, a sentença em (8) tem duas interpretações, explicitadas nas sequências discursivas em (6b) e (6c):

Contexto: Peter está indo para Los Angeles, uma cidade conhecida por ter muitas estrelas de cinema:

- (8) a. *Peter wants to meet [a movie star].*
 b. *Peter wants to meet [a movie star]. He doesn’t care which one.*
 c. *Peter wants to meet [a movie star] but I can’t tell you which one it is.*

Há diferentes abordagens para o fenômeno que Dayal trata como escopo (Dayal, 2012). Em (8b), o sintagma permanece na sua posição mais interna, sob o escopo do verbo de desejo, enquanto que em (8c) o sintagma tem escopo sobre o verbo de querer garantindo que há uma estrela de cinema que ele quer encontrar. Em (8b), não há uma estrela de cinema em específico que o Peter quer encontrar e em (8c) há uma estrela específica que ele quer encontrar. Na continuação em (8c), o falante deixa claro que há uma estrela específica. Nesses casos, a melhor maneira de testar a interpretação que um falante atribui a sentença em (8a) é através de criação de histórias e quadrinhos ilustrativos, além, é claro, de ser preciso adaptar para as culturas locais. Novamente, são necessárias pelo menos duas seções para testar a interpretação de (8a).

Dayal não fornece um quadro sistemático para os nominais nus no inglês, talvez porque entenda que a literatura já tenha provido esse quadro. No entanto, a aplicação do questionário ao inglês pode trazer informações importantes e avançar na discussão sobre a semântica do artigo definido, que pode denotar a espécie, como vimos em (3c), um tópico em geral deixado de lado nas investigações sobre o sintagma nominal.

A literatura concorda que o sintagma indefinido permite as diferentes leituras para (9a), que é claramente um exemplo de sentença de laboratório, porque não é uma sentença que a gente encontra no nosso dia a dia. Sentenças de laboratório são fundamentais para testar as intuições dos falantes. É evidente que testar as leituras em (11a) exige mais de uma seção de coleta e a utilização de algum recurso como histórias, quadrinhos ou desenhos. As leituras estão descritas em (9b-d) usando símbolos lógicos como faz a autora em que a ordem representa a aplicação dos operadores:

- (9) a. *Every student read every article on [a current topic]*
 b. \exists tópico-atual Valuno Vartigo = escopo amplo
 c. Valuno Vartigo \exists tópico-atual = escopo estreito
 d. Valuno \exists tópico-atual Vartigo = escopo intermediário

A cada uma das leituras corresponde uma situação diferente no mundo. Na leitura de escopo amplo (9b), o existencial tem escopo sobre os demais operadores; logo, há um único tópico atual sobre o qual todos os alunos leram tudo. Em (9c), a leitura de escopo estreito afirma que todos os alunos leram todos os artigos sobre um tópico atual qualquer; não importa qual. É aleatório. Em (9d), para cada aluno há um tópico tal que aquele aluno leu todos os artigos sobre aquele tópico. Por exemplo, o professor designou um tópico para cada aluno. Esse é o escopo intermediário em que o existencial está entre os dois universais. Note que não é possível perguntar diretamente para um falante do inglês ou de qualquer outra língua se a leitura é possível apresentando as representações formais em (9b-d).

Como dissemos, Dayal não avalia se o plural nu no inglês se comportaria como o indefinido ou não. A predição de Carlson para uma sentença como (10), é que não haveria interação de escopo, ou seja, a leitura de escopo estreito seria a única possível:

- (10) *Every student read every article on current topics.*

No entanto, parece ser possível também a leitura em que, para cada aluno, há pelo menos um tópico atual sobre o qual ele leu todos os artigos⁹. Se for isso, é preciso entender o que está ocorrendo.

⁹ Essa hipótese é levantada por Partee (1985) em sentenças como “All the schoolboys want to meet policemen.” Trata-se, portanto, de um tema em aberto. Ver também Le Bruyn & de Swaart (2022).

A seção descreveu Dayal (no prelo) apontando para os temas investigados e fez uma revisão do sistema nominal em inglês, uma língua que tem plural nu, mas o singular nu é agramatical. Mostrou que aplicar o questionário é desafiador mesmo para línguas que estão entre as melhores representadas na literatura, como o inglês, mas é ainda mais para as línguas sub-representadas, em que não há literatura para se ancorar. Como vimos, metodologicamente, não adianta perguntar diretamente para o falante sobre a aceitabilidade de uma leitura porque ele sabe sem saber que sabe. A utilização de quadrinhos, contextos, cenários, teatralizações é uma maneira de detectar a interpretação que o falante está atribuindo à sentença e com certeza é necessária para a avaliação de sentenças com interação entre operadores, como é o caso do escopo intermediário. Salientamos ainda que a coleta precisa ser feita em várias seções.

O BR A PARTIR DE DAYAL (NO PRELO)

a coleta para o Br foi feita adotando a mesma metodologia utilizada para as outras línguas do projeto. Ela se baseou em Dayal (no prelo), apresentada na seção anterior, e na coleta qualitativa. A coleta foi realizada com um bolsista de IC em conversa sobre a nossa intuição sobre as sentenças. São, portanto, dados primários, originais, feitos para a coleta no projeto e que precisam ser testados experimentalmente. A literatura sobre o singular nu, no Br, é já extensa (Ferreira 2022) e se deve a suposta excentricidade do Br frente às demais línguas românicas: o fato de que ele aceita tanto o singular nu, em (11c), quanto o plural nu, em (11d), além de ter artigos definido e indefinido, (11a-b), respectivamente:

- (11) a. O cachorro late.
 b. Um cachorro late.
 c. Cachorro late.
 d. Cachorros latem

Schmitt e Munn (1999), imediatamente após a publicação do parâmetro de Chierchia (1998) notam que o modelo prediz que (11c) é agramatical. Chierchia (2021) prediz que (11c) é ou agramatical ou tem a mesma denotação do plural nu (Pires de Oliveira, 2024, entre outros). Assim a diferença entre (11c-d) seria de variedade, sem afetar o conteúdo. Se for assim, esperamos que eles se comportem da mesma maneira em todos os testes de Dayal (no prelo).

Eles de fato compartilham muitas propriedades.

Eles são semanticamente plurais, como mostram as sentenças em (12), com o recíproco:

- (12) a. Cachorro lambe um ao outro.
 b. Cachorros lambem uns aos outros.

A possibilidade de (12) mostra que o chamado singular nu é na verdade semanticamente plural, na descrição de Dayal. Mas também mostram diferenças, como por exemplo no teste da contradição abaixo:

- (13) a. *O cachorro dorme e o cachorro corre em volta da mesa.
 b. Um cachorro dorme e um cachorro corre em volta da mesa.
 c. # Cachorro dorme e cachorro corre em volta da mesa.
 d. Cachorros dormem e cachorros correm em volta da mesa.

Os falantes de Br recusam (13a) porque o sintagma definido ‘o cachorro’ denota um indivíduo em particular, como o nome próprio, e, portanto, o mesmo indivíduo nas duas sentenças que estão combinadas pela conjunção ‘e’. Isso torna a sentença incoerente, afinal se o cachorro está dormindo não pode estar correndo em volta da mesa.¹⁰ Já o sintagma encabeçado pelo artigo indefinido, em (13b), ‘um cachorro’, é gramatical porque denota um indivíduo aleatoriamente e gera a interpretação de que há um cachorro dormindo e outro cachorro correndo. (13c) não parece aceitável e soa incoerente, embora permita a leitura em que tinha cachorro dormindo e tinha cachorro correndo em volta da mesa; (13d) é claramente sobre alguns cachorros que estão dormindo e outros que estão correndo.

Os contrastes entre a forma singular e a forma plural transparecem mais claramente nos contextos definidos. Por exemplo: no contexto em que há um balde de rosas com todas iguais, desenhado para testar antiunicidade, aplicado às sentenças em (3) do inglês, o singular nu não funciona bem com o apontamento, enquanto, o plural nu faz sentido se o apontamento for interpretado vagamente como uma certa região do balde, como algumas dessas rosas:

- (14) a. # Vou levar rosa.
 b. ?Vou levar rosas.

A sentença em (14a) é boa se houver vários tipos de flores e o falante está indicando o tipo de flor que deseja levar. Esse é o contexto dêitico testado na terceira seção do questionário. Assim, ao coletar um dado, muitas vezes aquele dado é feliz ou relevante numa certa situação, mas não em outra.

Há também diferenças com relação à interação com outros operadores. O singular nu, (15a), parece ser inerte porque só admite a leitura de que a Maria não comprou nenhum livro. Já o plural nu, (15b), parece permitir também uma leitura em que a negação atua sobre a pluralidade, já que permite a sequência ‘Ela comprou um só’, impossível para (15a). A possibilidade

¹⁰ Esse é um dos exemplos discutidos em Heim & Kratzer (1998) para diferenciar o sintagma definido de sintagmas quantificados como ‘algum’ ou ‘todo’.

de combinar com ‘Ela comprou um só’ em (15b) mostra que o que é negado é a pluralidade. Já (15c) tem duas leituras que podem ser descritas como uma relação de escopo, como faz Dayal:

- (15) a. A Maria não comprou livro.
 b. A Maria não comprou livros.
 c. A Maria não comprou um livro.

A sentença em (15c) é a única que pode significar que há um livro que ela não comprou. Essa é a leitura de escopo amplo. Assim, haveria três formas de indefinidos: o singular nu, que é escopo inerte, o plural nu que aceita uma negação da pluralidade, não mais de um, só um, a menos compreendida pela literatura, e o indefinido é o único sintagma que aceita que há um livro que ela não comprou, a leitura específica ou de escopo amplo. Todas aceitam a leitura de escopo estreito em que ela não comprou nenhum livro. (15) mostra diferentes formas de expressar indefinidade.

Com verbos intencionais como ‘querer’, o indefinido (16a) é compatível com uma leitura de escopo amplo, em que há uma moto específica que o João quer comprar, e com escopo estreito em que o objeto de desejo é uma moto, mas não há nenhuma em particular. Por exemplo: o João passou por uma loja de moto e viu uma moto que ele gostou muito e quer comprar. Na outra situação, ele simplesmente quer uma moto, não tem nenhuma específica em mente. O plural nu (16b) indica mais de uma moto, produzindo a inferência de que ele não quer comprar uma moto, mas quer mais de uma, embora não haja interpretação específica, ou seja, não tem escopo amplo, mas veicula pluralidade; enquanto que o singular nu (16c) veicula o tipo de coisa que ele quer comprar, não admite escopo amplo e não carrega nenhuma inferência de pluralidade:

- (16) a. O João quer comprar uma moto.
 b. O João quer comprar motos.
 c. O João quer comprar moto.

Finalmente, em nossa intuição, que precisa ser verificada experimentalmente, como Simão (no prelo) está fazendo, o plural nu aceita mais facilmente a leitura de escopo intermediário. Segundo a literatura, (17a) deve ser verdadeira nas três situações descritas acima: (i) se há um livro que todos recusaram, escopo amplo; (ii) se para cada editor há um livro que ele recusou, escopo intermediário; (iii) se os editores recusaram um livro qualquer. Essas, como já dissemos, são sentenças de laboratório e o melhor nesse caso é construir os contextos com as interpretações, estórias ou quadrinhos e perguntar se a sentença descreve a situação:

- (17) a. Todas as escritoras criticaram todos os editores que recusaram um livro.
 b. Todas as escritoras criticaram todos os editores que recusaram livros.
 c. #Todas as escritoras criticaram todos os editores que recusaram livro.

Em minha intuição, (17c) não é muito natural, mas, se aceita, parece ter apenas a leitura de escopo estreito, enquanto (17b) parece aceitar também a leitura de escopo intermediário, sempre acompanhado por uma ideia de pluralidade.

Testamos todas as situações em Dayal (no prelo) e chegamos a seguinte tabela que resume a interpretação do singular nu, do plural nu e do indefinido. Para cada um dos testes, colocamos uma sentença exemplo com um X no lugar do sintagma. Como já mencionamos, baseamos os dados na nossa intuição e em coletas qualitativas:

1 – Quadro comparativo indefinido e nominais nus no Br

		SNu	PNu	Ind
Semanticamente plural	X lambe um ao outro	Sim	Sim	+/-
Termo de espécie				
Predicado de espécie	X está em extinção	Sim	Sim	Não ¹¹
Afirmações genéricas	X amamenta	Sim	Sim	Sim
Definido				
Unicidade/ Maximalidade	X dorme e X corre	Não	Não	Sim
Anaforicidade	Uma menina e um menino entraram. X estava de azul	+/- ênfase	Sim	Não
Deixis não-contrastiva	Vou levar X	Não	Sim	Não
Contrastividade	A Helena comprou um carro. X precisou ser trocado.	+/-	Sim	Não
Indefinido				
Contaço de Estória	X entrou na sala.	ênfase	Sim	Sim
Específico Partitivo	Tinha muita criança na sala. X estava jogando carta	Sim	Sim	Sim
$\exists > \neg$	Não peguei X	Não	Sim	Sim
$\neg > \exists$		Sim	Sim	Sim

Continua

¹¹O indefinido tem leitura de subtipo. O plural nu também pode ter leitura de um subtipo de baleia.

Conclusão

		SNu	PNu	Ind
$\exists > \text{querer}$	João quer encontrar X	Não	Sim	Sim
Querer $> \exists$		Sim	Sim	Sim
Escopo Intermediário \exists	Todas as escritoras criticaram todos os editores que recusaram X	Não	Sim	Sim
Escopo Diferenciado	João matou X a tarde inteira	Sim	Sim	Sim

Fonte: Autoria própria

Não há dúvidas de que há muito a ser compreendido sobre os dados apresentados na tabela acima e é importante verificar os julgamentos dos falantes, inclusive através de experimentos controlados. No entanto, se assumimos que esse é o panorama, podemos identificar tipos de indefinitude. O indefinido aceita tanto leitura referencial quanto leitura não referencial, como mostra a interação com outros operadores, mas não cabe em contexto definido. Já o plural nu embora não seja definido, já que não há contradição em contextos maximais, permite interpretação de que há alguns indivíduos, como é o caso do contexto do balde com rosas todas iguais. Não se trata de uma leitura definida, mas denota uma leitura específica em que são retomados indivíduos que pertencem a um conjunto já introduzido. É preciso explicar também que apenas o plural permite interação com outros operadores, como a negação que poderia atuar sobre a pluralidade, e o mesmo ocorria com os verbos intencionais e talvez com o escopo intermediário.

O singular nu aceita leitura de maximalidade, mas não indica unicidade, não pode ser interpretado como denotando alguns espécimes. Além disso não entretém nenhum tipo de relação com outros operadores. Logo, no Br, o singular nu parece ser gramaticalizado para denotar a espécie, o que explica a maximalidade. A pluralidade é explicada pela relação que há entre uma espécie e os espécimes, já que para ser espécie é preciso que haja espécimes; enquanto o plural nu parece permitir tanto leitura de espécie quanto leituras existenciais e específicas. Assim, embora tanto o singular quanto o plural nus possam ser caracterizados como semanticamente plurais, pelos testes de Dayal (no prelo), essa “pluralidade” não tem a mesma fonte. Uma proposta que parece explicar o quadro acima é Pires de Oliveira (2022b, 2024) em que o singular nu denota a espécie, enquanto singularidade, e o plural nu denota uma pluralidade, podendo denotar a pluralidade máxima. A pluralidade do singular nu seria uma inferência pragmática. Não iremos nos deter neste ponto, interessa simplesmente apontar que o singular e o plural nus não têm a mesma distribuição e nem a mesma interpretação no Br segundo os testes de Dayal (no prelo).

AS LÍNGUAS DO PROJETO, A (IN)DEFINITUDE E A GENERICIDADE

O Br é uma das oito línguas do projeto. Todas são marcadas para número (Chierchia 2021), isto é, todas elas distinguem nomes contáveis de nomes de massa via morfologia de plural e combinação com numerais. No Br, por exemplo, o numeral 3 combina com nomes contáveis, mas exige os chamados classificadores para se combinar com massa: ‘3 mesa(s)’ mas ‘*3 lamas’ *versus* ‘3 baldes de lama’. Elas diferem, no entanto, quanto à possibilidade de artigos, a aceitabilidade de nominais nus e a distribuição, e talvez interpretação, do morfema de “pluralidade”.

No projeto, há quatro línguas com artigo: o ERP, o Br, o Portuñol e talvez Terena (Aruak) (Quadros Gomes *et al* 2022). Dessas, apenas o ERP não aceita nominais nus, como exemplificado em (18) (Carranza *et al* 2022):

- (18) a. *Dinosaurio está extinto/se extinguió
 b. *Dinosaurios están extintos/se extinguieron
 c. ?El dinosaurio está extinto/se extinguió
 d. Los dinosaurios están extintos/se extiguieron

As demais línguas com artigo aceitam tanto o singular quanto o plural nus, como é o caso do Br. Até essa investigação, a literatura afirmava que o Br era a única língua românica que aceitava sem restrições o singular e o plural nus. A investigação de Polakof *et al.* (2023) mostrou que o Portuñol é uma língua com artigos que não só aceita o singular e o plural nu como parece que o singular nu é menos restrito do que em Br. Polakof *et al.* (no prelo) afirmam que em Portuñol o singular nu pode ter interação de escopo, diferentemente do que ocorre no Br. Assim, (19) pode ter leitura em que há uma estrela de rock específica que ela quer conhecer:

(19) Maria quer coñecer estrela de rock

As autoras coletaram dados utilizando fotografias de situações com bonequinhos. Se esse é o caso, o Portuñol está mais próximo das línguas nuas do que o Br. Dessa perspectiva, o inglês parece ser uma língua exótica, porque há línguas que aceitam os nominais nus e línguas que rejeitam os nominais nus, e o inglês aceita se for o plural nu, o artigo é obrigatório no singular. Haveria assim línguas que restringem os nominais nus, línguas que aceitam livremente os nominais nus e línguas que aceitam parcialmente nominais nus.

O projeto compreende quatro línguas sem artigo, todas elas sub-representadas na literatura, com escassa bibliografia e documentação. Elas se distinguem entre aquelas em que a morfologia de “plural” é bastante restrita, como é o caso do Mebengokre, em que o morfema parece só ocorrer com nomes relacionados aos humanos como ‘tio’ e ‘neta’ (Mendonça Junior, 2024), e aquelas em que há formas plurais e singulares, como em Kaiowá (Tupi-Guarani)

(Guerra-Vicente & Ramires, 2024), Rikbaktsa (Macro-Jê) (Jasper *et al.*, 2023; Pires de Oliveira *et al.*, 2024) e Wapishana (Aruak) (Guerra Vicente *et al.*, 2020). Em todas elas, o singular nu parece ser semanticamente plural, como ocorre com o singular nu no Br e no Portuñol. Essas línguas parecem seguir o mesmo padrão descrito para línguas como o Karitiana (Müller; Bertucci 2012), em que o sintagma nominal nu pode ser traduzido pelo definido, o indefinido, singular e plural e, no Br, pelos nominais nus também. No entanto, se observarmos os padrões de interpretação podemos concluir que eles indicam que o princípio de bloqueio não é como previsto em Chierchia (1998), mas sim, como aparece em Dayal (2011). Chierchia prevê que o operador que forma espécie, o operador *down*, representado por \cap , ocorre sempre que não houver artigo aparente, e as interpretações definida e existencial estão em competição. Meaning Preservation: $\cap > \{t, \exists\}$. Já Dayal (2004) aponta que o operador que forma espécie e o definido são preferidos sobre a interpretação existencial. Os dados apontam na direção de Dayal.

Vamos exemplificar com a língua Rikbaktsa, cuja investigação mostrou que os sintagmas singular e plural em (20) ocorrem tanto em contextos definidos quanto indefinidos; ambos denotam a espécie e são semanticamente plurais. Isto é, sem maiores informações, o sintagma em (20a) pode significar, a depender do contexto em que ocorre, que há uma onça em particular, uma onça qualquer ou onça em geral, a espécie, ou um número indeterminado de onça como em ‘caçar onça’, e o sintagma em (20b) significa mais de uma onça em contextos definidos, indefinidos e genéricos:

- (20) a. parini
b. parinitisa

Em contexto de negação, tanto a forma plural, ‘parinitisa’, quanto a singular, significam nenhuma onça¹². Logo, ambas são plurais, o que levanta a hipótese de que a diferença entre as sentenças em (20) não é de pluralidade, mas, no caso dessa língua em particular, de gênero. Já que (20b) não pode ser utilizada para uma pluralidade de onças fêmeas.

Tanto o singular quanto o plural nus têm propriedades tanto dos definidos – eles retomam indivíduos – quanto dos indefinidos – eles introduzem indivíduos. Ambos são contraditórios em contexto de maximalidade. Ambos ocorrem em sentenças genéricas e se combinam com predicado de espécie (Pires de Oliveira *et al.*, 2024). Assim, nessa língua, como no Karitiana, nem a definitude nem a genericidade são dadas na morfologia do sintagma nominal. Logo, definitude e genericidade não são um universal morfológico do sintagma nominal.

Ambos os sintagmas nominais são semanticamente plurais. O exemplo abaixo, recolhido em coleta pessoal com o consultor da língua Rikbaktsa, mostra que a forma singular ‘aro’ (papagaio) se combina com o recíproco:

¹² Sabemos assim que o plural denota uma soma que inclui os átomos.

- (21) Aro nihape borohiknahã
 papagaio eles morderam um ao outro
 ‘Papagaio bica um no outro.’

Em Rikbaktsa (mas aparentemente também nas outras línguas nuas com morfologia de plural ativa) ambas são expressões cumulativas. No entanto, ao menos em Rikbaktsa, apenas o singular nu denota uma singularidade, como é o caso do exemplo sobre o sol que está encoberto entre as nuvens:

- (22) haramyi tsizohãnienta. (Tsaputai *et al.*, p. 194, 2024)
 Sol está-em-nuvem

Em estruturas predicativas, que nessa língua são muito produtivas, como mostra o exemplo em (23) em que nuvem é transformada morfologicamente via ‘en’ em estar com nuvem. Em estruturas em que o nome se incorpora ao predicado, o singular nu é obrigatório. Mas também com verbos psicológicos, como ter medo em (23); a forma singular foi utilizada espontaneamente pelo falante:

- (23) ikrakatsa pehehek pokso ka-pibi- =tatsa
 Eu.foco cobra 1Poss.sg-medo=f.sg
 ‘Eu tenho medo de cobra’

Esse pequeno percurso com exemplos da língua Rikbaktsa mostram que a aplicação do questionário foi extremamente produtiva em vários aspectos. Primeiramente, gerou para cada uma das línguas um corpus de mais de 200 sentenças gramaticais avaliadas em relação a um certo contexto. Essas sentenças podem ser manipuladas e gerar novas sentenças que podem ser comparadas nas diferentes situações. Permitiu entender minimamente como é a gramática da língua. Em Rikbaktsa, a ordem é: sujeito, objeto, verbo; e o verbo retoma os sintagmas. Em muitos casos, não há como testar os exemplos ou as sentenças não são naturais. Não há um quantificador nominal equivalente a ‘todas N’ em Rikbaktsa, assim não é possível realizar testes de escopo intermediário. Trata-se, aparentemente, de uma língua afixal, como descrito por Partee (1995). Com verbos intencionais, a coleta espontânea gerou sentenças com estruturas sintático-semânticas distintas. Essas questões precisam ser exploradas e são desafios também para a semântica das línguas naturais. Mas sabemos que nessa língua, definitude e genericidade não se realizam no sintagma nominal. Assim, esses não são universais ao menos não é no sintagma nominal. Além disso, a distribuição e interpretação dos sintagmas nus nessa língua não são as mesmas que propusemos para os sintagmas nus

no Br. Afinal, o singular nu denota tanto indivíduos ordinários quanto a espécie. Notamos que há contrastes entre a forma singular e a forma plural que precisam ser explicadas. Também pudemos notar que a interpretação que parece mais saliente indica que a preferência é por indivíduos ordinários (e não espécies) e por leituras definidas (um indivíduo em particular), dando suporte a Dayal (2004)

CONCLUSÃO

Os resultados apresentados, mesmo que parciais, já mostram quão frutífera foi a pesquisa utilizando o questionário de Dayal (no prelo), levando a avanços teóricos e metodológicos, e ao mesmo tempo suas limitações. É possível perceber claramente que o indefinido, o singular e o plural nus no Br não têm a mesma distribuição e nem a mesma interpretação, o que exige explicação. Argumentamos que há uma variedade de modos de indefinidade, em particular, o singular nu no Br é especializado para a espécie, o plural nu denota pluralidades, maximais ou não maximais, enquanto o indefinido é um quantificador. O plural interage com a negação e outros operadores, mas a operação ocorre sobre a pluralidade; não há leitura de escopo amplo. O plural nu é um indefinido específico.

Também permitiu detectar que o Br não é a única língua, mesmo entre as românicas, que tem nominais nus. Esse é o caso do Português e, aparentemente, também do Terena, um tópico em investigação. Da perspectiva das línguas com artigo, o questionário mostra que elas não têm o mesmo comportamento com relação aos nominais nus: há aquelas que não aceitam nominais nus, ERP, e aquelas que aceitam livremente, Br, Português e Terena. Dessa perspectiva, o inglês é o caso exótico, porque só aceita plural nu; no singular, o artigo é obrigatório.

Embora os resultados sobre as línguas nuas sejam ainda mais parciais, permitem falsificar a hipótese de que a definitude, definido *versus* indefinido, e a genericidade são marcadas morfologicamente no sintagma nominal universalmente. As línguas nuas do projeto mostram que não. Os nominais, singular e plural, não carregam informação sobre definitude ou genericidade, e ambos são semanticamente plurais, como já descrito para o Karitiana (Müller; Bertucci, 2012, entre outros), o que levanta a suspeita de que o morfema não esteja marcando pluralidade. Assim, nem todas as línguas marcam definitude abertamente no sintagma nominal. Essa constatação leva a pergunta sobre como é a forma lógica do sintagma nominal nessas línguas e qual é a contribuição da morfologia de plural. Podemos imaginar que a forma singular abaixo, corresponderia a diferentes formas lógicas, exemplificadas em (24b-d):

- (24) a. parini
 b. a onça $\iota(x)$ Onça (x)
 c. uma onça $\exists(x)$ Onça (x)
 d. a onça espécie $\iota(x)$ Onça-espécie (x)

Mas podemos também pensar que a forma lógica de (24a) é a função de predicados em indivíduos, sem carregar qualquer pressuposição, diferente do que ocorre no Br, em que as pressuposições estão na morfologia. Nesse caso, as interpretações em (24b-d) são derivadas de outras instâncias que não o sintagma nominal, incluindo o contexto. Seria esse um tipo de língua? Finalmente, a questão da morfologia de plural nessas línguas. É preciso investigar se se trata efetivamente de plural ou o morfema que distingue nomes contáveis de nomes massivos estaria expressando algum outro significado, como coletividade (Dayal, 2025) ou do mesmo gênero, como sugerimos. Não sabemos. Há, sem dúvida, ainda muito trabalho a ser realizado.

REFERÊNCIAS

- BORGES Neto, José; MÜLLER, Ana Lúcia; Pires de Oliveira, Roberta. A semântica formal das línguas naturais: histórias e desafios. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 20, p. 120, 2012.
- LE BRUYN, Bert; DE SWART, Henriette. Exceptional wide scope of bare nominals. **SEMANTICS AND PRAGMATICS**, v.15, p. 1-21, 2022. DOI: <https://doi.org/10.3765/sp.15.7>
- CARLSON, Gregory. **Reference to kinds in English**. University of Massachusetts, 1977.
- CARRANZA, Fernando; FERRERO, Victoria; TREBISACCE, Romina; ZDROJEWSKY, Pablo. **Bare nominals as Kinds terms in Rioplatense Spanish**. Não publicado, 2022.
- CHIERCHIA, Gennaro. Reference to kinds across languages. **Natural Language Semantics** 6: 339-405, 1998.
- CHIERCHIA, Gennaro. Mass vs count: where do we stand? Outline of a theory of semantics variation. In: Kiss, Tibor; Pelletier, Francis Jeffrey; Husic, Halima, Things and stuff. *The semantics of the count-mass distinction*. Cambridge: Cambridge University Press, 21-54, 2021.
- DAYAL, Veneeta. Number marking and (in)definiteness in kind terms. **Linguistics and Philosophy**, 27: 393-450, 2004.
- DAYAL, Veneeta. Bare noun phrases. In: MAIENBORN, Claudia; VON HEUSINGER, K; PORTNER, Paul (eds.) **Semantics: an International Handbook of Natural Language Meaning**, vol.2. Berlin: de Gruyter Mouton, 1088-109, 2011.

DAYAL, Veneeta. The syntax of scope and quantification. *In: The Cambridge Handbook of Generative Syntax*, den DIKKEN, Marcel (ed.), 2012. Available at <https://bpb-us-w2.wpmucdn.com/campuspress.yale.edu/dist/6/2964/files/2019/05/scope-survey.pdf>

DAYAL, Veneeta. Identifying (in)definiteness: a questionnaire. *In: DAYAL, V., **A Hitchhiker's Guide to (In)definiteness: Case Studies in Bare Argument Languages***. No prelo

FERREIRA, Marcelo. Bare nominals in Brazilian Portuguese. *In: Cabredo Hofherr, Patrícia; Doethjes, Jenny (eds.), **Oxford Handbook of Grammatical Number***. Oxford: Oxford University Press, 2022.

GUERRA-VICENTE, Helena; SANCHEZ-MENDES, Luciana; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; LUNGUINHO, Marcus Vinicius; LEANDRO, Wendy Mary. The nominal system in Wapishana (Aruák), preliminary results. *In: LIMA, Suzi; ROTHSTEIN, Susan (orgs.) **Linguistic Variation***, special issue A typology of the mass/count distinction in Brazil and its relevance for mass/count theories, , v. 20, n. 2. p. 398-408, 2020.

GUERRA-VICENTE, Helena; RAMIRES, Daiane. (In)definitude, número e implicatura de multiplicidade em uma língua sub-representada: um estudo do Kaiowá (Tupí-Guaraní). **Revista Gragoatá**, v. 29, n. 64, 2024. <https://doi.org/10.22409/gragoata.v29i64.61256.pt>

GUERRA-VICENTE, Helena; RABELO, Marina; RAMIRES, Daiane; NOLETO, Hermano; ROCHA, Luiz Eduardo Silva. O uso de recursos visuais no diagnóstico da (in)definitude em línguas sem artigos: o caso do Kaiowá. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 67, n. 00, p. e025016, 2025. DOI: 10.20396/cel.v67i00.8679921. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8679921>. Acesso em: 25 fev. 2026.

HEIM, Irene. **The semantics of definite and indefinite noun phrases**. PhD dissertation, University of Massachusetts at Amherst, 1982.

HEIM, Irene; KRATZER, Angelika. **Semantics in Generative Grammar**. Oxford: Blackwell, 1998.

JASPER ERN, Vitória Maria et al. Definitude e a genericidade em Rikbaktsa (Macro-Jê). *Revue Ameríndia*, [S.L.], v. 44, pp. 109-133, 2023. Structure et Dynamique des Langues. DOI: <http://dx.doi.org/10.56551/hvhn7718>.

MENDONÇA JUNIOR, Cledson. **(Im)perfectividade em Mebêngôkre (Kayapó)**. 2025. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

MÜLLER, Ana; BERTUCCI, Roberlei. Sintagmas nominais nus expressam a distinção definido vs. indefinido? *In: PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; MEZARI, Meiry Perucchi (org.) **Nominais nus: um olhar através das línguas***. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 149-184.

PARTEE, Barbara. A squib. **Psychosemantics Seminar**, 5 dez. 1985. Disponível em: https://people.umass.edu/partee/docs/Dependent_Plurals_Partee.pdf. Acesso em: 25 fev. 2026

PARTEE, Barbara. Quantificational structures and compositionality. In: BACH, Emmon; JELINEK, Eloise; KRATZER, Angelika; PARTEE, Barbara H. (org.). **Quantification in natural language**. Dordrecht: Kluwer, 1995. p. 541-602. Disponível em: http://bhpartee.narod.ru/Partee93_QStructuresandComp1-29.pdf. http://bhpartee.narod.ru/Partee93_QStructuresandComp30-47.pdf. Acesso em: 25 fev. 2026.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Uma história dos nominais nus: o Português Brasileiro e as línguas indígenas brasileiras. **Revista Letras**, v. 104, p. 164-186, 2021.

(IN)DEFINITUDE DA PERSPECTIVA DAS LÍNGUAS SUB-REPRESENTADAS. Projeto de pesquisa aprovado no âmbito do edital Pró-Humanidades/Edital 40/2022. Disponível em: https://humanamente.fiocruz.br/projetos_aprovados/a-indefinitude-da-perspectiva-das-linguas-sub-representadas/. Acesso em: 25 fev. 2026.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. A expressão da espécie no Português Brasileiro nomes nus e definido genérico. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, pp. 327-346, abr. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2022b.v18n1a52933>.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. The Syntax-Semantics of Bare Nouns in Brazilian Portuguese. **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**. 1ed. Oxford: Oxford University Press, 2025, v. , p. 1-.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; SILVA, Leia de Jesus; TSAPUTAI, João; LOCH DE OLIVEIRA, Helena; SERAFIM, Laiara Machado. A genericidade e os sintagmas nominais em Rikbaktsa (Macro-jê): espécie e soma. **Revista Linguística**, [S.l.], v. 20, n. 3, p. 140-159, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/65387>. Acesso em: 25 fev. 2026.. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2024.v20n3a65387>.

POLAKOF, Ana Clara; OGGIANI, Carolina; ZUGARRAMURDI, Camila; CUSTODIO, Carla; ALMONACID, Christian. Nombres singulares escuetos en portuñol y español: una aproximación experimental. **Quintú Quimün: Revista de Lingüística**, n. 8, v. 2, p. Q107, 2024. Dossiê Lenguaje y cognición: la interdisciplina en los estudios sobre procesamiento de lenguaje. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14186329>. ISSN 2591-541X. Disponível em: <https://zenodo.org/record/14186329>. Acesso em: 25 fev. 2026.

POLAKOF, Ana Clara; CUSTODIO MARCELINO, Carla. Sobre el alcance en portuñol: una primera descripción. **Forma y Función**, v. 38, n. 2, 2025. DOI: <https://doi.org/10.15446/fyf.v38n2.113957>. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/fyf.v38n2.113957>. Acesso em: 25 fev. 2026.

QUADROS GOMES, Ana Paula; JULIO, Aronaldo; BORELLA, Cristina. Terena: uma língua de nomes nus que conta com dois artigos definidos. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, v. 63, p. 146-157, 2022.

ZDROJEWSKI, Pablo; TREBISACCE, Romina. No maximalidad en MDO en español = Non-maximality in DOM in Spanish. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 67, p. 1-15, e025017, 2025. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v67i00.8679963>.

TREBISACCE, Romina; ZDROJEWSKI, Pablo; FERRERO, Victoria. Definite plural DOM in multiple event readings. In: **SEMANTICS OF UNDER-REPRESENTED LANGUAGES OF THE AMERICAS (SULA)**, 13., 2024, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2024. Pôster apresentado no evento, realizado de 28 a 31 out. 2024.

TREBISACCE, Romina. Indefinitud y alcance en español. Expositora da mesa-redonda **La indefinitud en español rioplatense y portuñol**, no contexto do ABRALIN ao Vivo, 2024. Disponível em: <https://aovivo.abralin.org/lives/la-indefinitud-en-espanol-rioplatense-y-portuñol/>. Acesso em: *dd mês aaaa*.

TREBISACCE, Romina; POLAKOF, Ana Clara. Organização do número especial Aspectos metodológicos e teóricos do estudo da (in)definitude. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 67, 2025.

TSAPUTAI, João; LOCH DE OLIVEIRA, Helena; SERAFIM, Laiara Machado; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. [Título do capítulo]. In: OLIVEIRA, Leandra Cristina (org.). **Letras pós-humanas: linguística e ensino de línguas em questão**. Campinas: Pontes, 2024. p. 191-202.

Recebido para publicação em: 18 ago. 2025.

Aceito para publicação em: 18 out. 2025.